

## USO DE FALCOARIA COMO FERRAMENTA PARA REABILITAÇÃO DE AVES DE RAPINA

Ronaldo José Piccoli<sup>1</sup>, Stacy Wu<sup>1</sup>, Guilherme Pancera Adams<sup>2</sup>, Dhandrea Vithoria Rodrigues Narok<sup>3</sup>, Hamilton Augusto Giovannini Pinto<sup>4</sup>, Anderson Luiz de Carvalho<sup>5</sup>

<sup>1</sup>Médico(a) Veterinário(a) Residente na área de Medicina e Conversação da Fauna Silvestre – UFPR/Palotina

<sup>2</sup>Médico Veterinário Residente na área de Diagnóstico por Imagem – UFPR/Palotina

<sup>3</sup>Discente do Curso de Ciências Biológicas - UFPR/Palotina

<sup>4</sup>Discente do Curso de Medicina Veterinária - UFPR/Palotina

<sup>5</sup>Docente do Departamento de Ciências Veterinárias – UFPR/Palotina

A reabilitação de aves silvestres é um processo complexo, que envolve conhecimentos inerentes as áreas de Ciências Biológicas e de Medicina Veterinária, e que tem avançado significativamente nos últimos anos para resolução clínica das mais diferentes afecções à que esta classe está sujeita. Comumente, aves de rapina são encaminhadas para atendimento Médico Veterinário após lesões traumáticas por projéteis ou colisões, e destas destacam-se a ocorrência de fraturas, que em sua maioria, impossibilitam o animal de desenvolver atividades de voo e de caça. A correção de fraturas exige uma maior permanência da ave em cativeiro durante seu tratamento, e em muitos casos apenas a resolução cirúrgica não é suficiente para permitir pleno retorno ao voo. Apesar de demandar tempo, recursos e dedicação, a falcoaria é um método bastante útil para a reabilitação de rapinantes e esse trabalho objetiva relatar o uso desta técnica na reabilitação de um espécime de gavião-de-cauda-curta (*Buteo brachyurus*) e dois espécimes de gavião-carijó (*Rupornis magnirostris*), atendidos pelo Hospital Veterinário (HV) da Universidade Federal do Paraná, em Palotina/PR. Os animais foram conduzidos ao HV pelo Instituto Ambiental do Paraná (IAP) após serem encontrados incapacitados de voar. Após exames físicos e estabilização clínica, os pacientes foram direcionados para estudo radiográfico, no qual, constataram-se fraturas, que foram abordadas e estabilizadas com o uso abordagem cirúrgica e/ou talas/bandagens. As fraturas apresentadas pelos animais relatados foram em membro torácico, a saber: osso úmero (*Buteo brachyurus* e *Rupornis magnirostris*) e osso carpo maior (*Rupornis magnirostris*). As fraturas de úmero foram reduzidas com o emprego de pino intramedular por técnica retrógrada (*Buteo brachyurus*), e por fixador externo tipo “Tie-in” técnica normógrada (*Rupornis magnirostris*) associado a bandagem em oito (*Rupornis magnirostris*). As cicatrizações das lesões foram acompanhadas por estudos radiográficos seriados e após o estabelecimento de calo ósseo, estabilidade da fratura, e formação de nova cortical com união de ambos os fragmentos ósseos, os fixadores/bandagens foram removidos. Já com alta médica e boa condição de saúde, as aves foram incluídas nas atividades de falcoaria, e para isso, equipadas com braceletes de couro na região de tarsometatarso, e demais itens como correias, destorcedores e trela. A primeira fase do treinamento de falcoaria consistiu no amansamento da ave, que permitiu o animal se adaptar a presença do treinador e dos acessórios de treino, além de aceitar comida fornecida por este. Findada essa etapa as aves foram condicionadas a aceitar uma maior interação com o treinador, passando a empoleirar/“saltar” e se alimentar no braço do falcoeiro. No momento em que os animais saltavam para a luva de treino em busca da alimentação, era realizado um estímulo sonoro por meio de um apito, para que a ave associasse o som com a disponibilidade de alimento. Depois de bem estabelecido essa ligação, os animais passaram a saltar para luva de treino ao ouvirem o apito. O treinamento foi realizado todos os dias, visando restituir o condicionamento físico dos animais e as habilidades de voo. Foram realizadas filmagens com recurso de câmera lenta para melhor avaliação das asas, como angulações e amplitudes de movimentos dos membros afetados em comparação com os que não haviam sido lesionados. Sinalizada a capacidade de reintrodução dos animais e com anuência do IAP, os animais foram reconduzidos à vida livre. O tempo médio de permanência dos animais sobre tratamento/reabilitação foi de quatro meses. Sabe-se que as etapas treinamento de rapinantes

XIII Semana Acadêmica de Medicina Veterinária e IX Jornada Acadêmica de Medicina Veterinária 23 a 26 de outubro de 2017 – CCA/UEM/Umuarama-PR

podem ser divididas em amansamento, condicionamento operante, condicionamento físico e caça, todavia, nos casos apresentados não foi necessária a fase de caça, pois os animais eram adultos quando sofreram o trauma. Por fim, a utilização das técnicas de falcoaria como ferramenta para reintrodução de aves impedidas temporariamente de retornar a natureza não deve ser escusada pelos profissionais que atuam na área da reabilitação. A técnica apresenta inúmeros benefícios, contudo requer perseverança e tempo, além de conhecimentos inerentes aos aspectos biológicos de cada espécie a ser treinada.

Palavras-chave: rapinantes, fauna silvestre, reintrodução.